

CULTURA POLÍTICA MENTALIDADES



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1989

Azenha pela perfeição do trabalho que desenvolveram quer na montagem da Exposição, quer na feitura do Catálogo. Fazemos nossas as palavras de agradecimento que o Prof. Doutor João Montezuma de Carvalho dirigiu, oportunamente, aos Profs. Doutores Reis Torgal, Aníbal de Castro, Manuel Rodrigues de Areia, Martin Portugal e Arsélio Pato de Carvalho. Em especial dirigimos a nossa sentida gratidão ao Prof. Doutor Amadeu Carvalho Homem por todo o apoio que nos concedeu, facilitando sobremaneira o nosso trabalho tanto a nível científico como pedagógico.

Ao Prof. Doutor João Montezuma de Carvalho, pela oportunidade que nos deu de contactar de perto com o mundo das ciências naturais; por todos os esclarecimentos científicos e apoio bibliográfico que nos dispensou; por tudo o que nos foi dado aprender sobre Darwin, darwinismo, neo-darwinismo e autoevolucionismo; por nos ter proporcionado colaborar na Exposição e respectivo Catálogo, os nossos melhores agradecimentos.

Ao nosso orientador, Prof. Doutor Manuel Augusto Rodrigues, endereçamos, uma vez mais, o nosso grande apreço pela sua probidade científica exemplar e os nossos agradecimentos pelo ânimo que nos tem transmitido sempre com grande serenidade e soberano espírito de tolerância.

A. L. Pereira Dwarkasing

OS CONGRESSOS «A HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA SOBRE A REVOLUÇÃO FRANCESA» E A ASSOCIAÇÃO DOS HISTORIADORES EUROPEUS

Neste ano do bicentenário da Revolução Francesa, e nos anteriores, realizaram-se, sem exagero, centenas de colóquios relativos à sua temática nos mais diversos locais do mundo. Normalmente — pelo menos aqueles que tiveram objectivos de produção científica original — focaram aspectos particulares da ampla e complexa temática que a Revolução directa e indirectamente supõe.

Assim sucedeu com o congresso «A história da historiografia sobre a Revolução Francesa», que se realizou em Pisa-Forte dei Marmi-Luca, de 18 a 25 de Maio, organizado pela Associação dos Historiadores Europeus, com sede em Roma, e que teve como patrono o Presidente da República de Itália. Apesar de algumas ausências de última hora — o que sucede em todos os acontecimentos deste género — foram

apresentadas cerca de 60 comunicações, de investigadores de quase todos os países da Europa, entendida esta na sua expressão correcta, isto é, do Cabo da Roca aos Urais, da Sicília à Islândia. Assim, historiadores de Itália, França, Espanha, Portugal, Reino Unido, Bélgica, Holanda, Alemanha Federal, Austria, Dinamarca, Islândia, União Soviética, Polónia, Hungria, Bulgária, Checoslováquia, Grécia (e não estamos certos de nos termos referido a todos) apresentaram comunicações gerais ou mais específicas sobre a referida temática. Assim, pode dizer-se que, pela primeira vez, se fez um verdadeiro e amplo ponto da situação sobre a história da historiografia (*lato sensu*) na Europa relativa à Revolução Francesa e não só.

As actas vão ser publicadas na revista da Associação, *Critica Storica*, pelo que podemos dizer que esta instituição e o seu presidente, Prof. Armando Saitta, grande entusiasta do movimento europeu, prestaram um serviço notável à história, na sua vertente de «história da história», que constitui uma área do maior interesse, pela sua juventude e até pelo seu sentido «autocrítico».

*

Mas o que é a Associação de Historiadores Europeus?

Nada melhor para a definir do que apresentar alguns dos artigos mais significativos, que constituem os seus estatutos:

«Art. 1.º — É instituída em Roma a Associação dos Historiadores Europeus; trata-se de uma associação cultural apertidária e sem fins lucrativos [...].

A Associação dos Historiadores Europeus tem por própria razão de acção toda a Europa, entendendo que se respeite desde já no seu próprio sentido o património espiritual, ideal e cultural que constitui a identidade do continente europeu em confronto com os outros continentes.

Art. 2.º — São fins da Associação:

- a) Constituir um ponto de encontro e de informação entre os historiadores europeus;
- b) Favorecer a eliminação dos resíduos de prejuízos nacionalistas que nas diversas

- historiografias nacionais são obstáculo a uma adequada compreensão do passado e da moderna realidade da Europa;
- c) Assumir iniciativas concretas que tenham por objectivo ou um melhor conhecimento recíproco das exigências metodológicas e dos problemas presentes nas historiografias dos países europeus e um constante confronto entre elas, ou contemplar a aspiração unitária que esteve sempre no fundo da civilização europeia com as legítimas peculiaridades das várias tradições culturais nacionais;
 - d) Lutar pela criação de estruturas organizativas culturais viradas para a realização de investigações históricas de amplo sentido plurinacional que não reduzam a história unitária da Europa a uma simples soma de simples histórias nacionais [...]

Estes dois artigos, parcialmente transcritos, já nos dão conta das intenções marcadamente europeias da Associação. Claro que pode considerar-se discutível esta enunciação e mesmo dizer-se que ela não é totalmente descomprometida de uma ideologia (ainda que realmente seja «apartidária», como invoca o art. 1.º). No entanto, parece-nos ser um projecto válido a que os historiadores portugueses não podem ficar indiferentes, quando tanto se fala da Europa e se interroga sobre os benefícios e malefícios desta nova velha ideia europeísta.

Para já só 6 portugueses fazem parte da Associação, constituindo eles um dos núcleos mais pequenos. Mas obviamente que outros poderão solicitar mais informações sobre ela e eventualmente vir a pedir a sua adesão. Para tal bastará escrever à:

Associazione degli Storici Europei
00186 ROMA
Via Michelangelo Caetani, 32

Luís Reis Torgal